http://rellibra.com.br/pdf/imalogia1/imalogia1.pdf

IMAGOLOGIA LITERÁRIA:
para além da imanência e transcendência da obra[1]*

Hugo Dyserinck

Se ainda hoje há motivos para se refletir sobre o sentido e sobre a legitimidade da imagologia literária, isso deve-se sobretudo ao fato de, nos anos 50, ou seja, numa época em que este campo de investigação começou a adquirir um perfil definido dentro da comparatística, ter a imagologia literária sofrido ataques tão decisivos, que seus efeitos se fazem sentir até o presente.

Não somente a relevância desta pesquisa foi colocada em dúvida, como também se levantaram questões candentes, que alguns ainda hoje insistem em discutir, tais como: "Isso ainda é ciência da literatura?" ou: Isso ainda se encontra sob a alçada do cientista literário?"

Entretanto, as coisas hoje certamente se mostram sob uma outra luz, assim como nós também reagimos a estas questões de um modo diferente daquele da época do conhecido confronto entre a comparatística "americana" e a "francesa" - bem como da chamada "crise da literatura comparada". Houve, com efeito, progressos em nível internacional, tanto dentro quanto fora da ciência da literatura, os quais certamente repercutiram favoravelmente na imagologia literária.

Duas manifestações, sobretudo, tiveram um peso definitivo neste sentido: uma na área da própria literatura que, cada vez mais, se mostra atenta à transcendência política do fato literário, renunciando ao transitório enfoque literário exclusivamente calcado nos fatores "intrínsecos da obra literária"; outra que vai além de todas as reflexões específicas da ciência literária, e se liga cada vez mais a representantes de certas disciplinas vizinhas (a sociologia, a psicologia social e até as ciências políticas) que começaram a recorrer a material literário, com conhecimentos prévios de história da literatura mais ou menos desenvolvidos, para investigar problemas atualíssimos na área das relações intelectuais e políticas entre os povos e as nações. Sem dúvida são motivos para satisfação e justo otimismo em relação a possibilidades futuras.[2]

Contudo - e, aqui, referimo-nos à comparatística como matéria acadêmica no sentido estrito da palavra - ainda não há motivo para acreditar que, em consequência do recente progresso, não haja necessidade de uma séria conscientização acerca do caráter e das possibilidades de expansão da pesquisa imagológica - e tampouco de uma reflexão esclarecedora sobre o lugar que ela ocupa e deverá ocupar dentro de nossa disciplina, a qual, como se sabe ainda não alcançou sucesso em certos países. E seria falso darmo-nos por contentes com o fato de que as velhas resistências oferecidas em alguns

---

[1]* - Dyserinck, Hugo - Komparatistische Imagologie. Jenseits von 'Werkimanenz' und 'Werktranszendenz'. In: *Synthesis.Bulletin du Comité National de Littérature Comparée de la République Socialiste de Roumanie*. Bucareste, 1982, vol. 9, p. 28-40. **Trad. Moriçá de Souza Torres**, pesquisadora do grupo RELLIBRA - "Relações lingüísticas e literárias Brasil-Alemanha". Revisão de Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, coordenadora do grupo.

[2] - Veja também: Bleicher, Thomas - "Elemente einer komparatischen imagologie". In: *Komparatistische Hefte* 2, Bayreuth, 1980. Este ensaio encontra-se traduzido nesta coletânea com o título "Elementos de imagologia".

círculos tenham diminuído a sua veemência e de que, atualmente, o direito de existência da imagologia literária dentro de uma comparatística estabelecida (ou "ciência da literatura comparada" ou "ciência da literatura comparada e geral"), em princípio, não seja atacado; o número daqueles que concordam em que haveria outras coisas mais importantes para uma "verdadeira" comparatística da ciência da literatura, aumentou pouco.[3]

Hoje, em face de algumas publicações e de alguns comunicados mais recentes, é mais do que oportuno lembrar com regularidade, que uma imagologia literária que trabalha com material literário compilado multinacionalmente, dispõe de consideráveis possibilidades, que se distinguem claramente, tanto das filologias nacionais, quanto das disciplinas não pertencentes à ciência da literatura; trata-se de possibilidades que, afinal de contas, estão além de todas as disputas em torno de competência e de todas as discussões sobre diferenças entre um trabalho intrínseco ou extrínseco da literatura.

A imagologia literária provém, mesmo já de antes dos anos 50, de um determinado desenvolvimento do programa da comparatística francesa: em primeiro lugar, ela foi o resultado de uma deslocação da ênfase atribuída à investigação das influências para o estudo da recepção, e está ligada diretamente a uma tentativa bastante concreta de realizar as futuras pesquisas comparatistas não só de uma maneira racional e sensata, mas de concentrá-las cada vez mais no verdadeiro âmago da problemática comparativa. A rigor, trata-se de uma renúncia à pesquisa das influências, considerada insatisfatória, em favor de uma investigação da maneira como se reagia na literatura de um determinado país à literatura e à vida intelectual de um "outro" país, de um país "estrangeiro"[4].

Hoje, isso deve ser lembrado com insistência, pois o conceito francês de imagologia literária, assim como foi propagado, principalmente por Carré, deparou-se a seu tempo com uma crítica, que ignorou justamente essas relações e, ao invés disso, dirigiu a discussão sobre a importância e legitimidade de uma imagologia literária para um caminho, que em nada se tornara menos confuso, não podendo, enfim, evitar sua ruptura.

A crítica ao programa sugerido por Carré e seu discípulo Guyard, na sucessão de Baldensperger e Hazard, cuja arrancada foi dada nada mais, nada menos do que por René Wellek, que igualmente a marcou de maneira decisiva, resultava do fato de que o posicionamento tomado por muitos, dos diretamente envolvidos, a favor e contra a imagologia literária estava ligado a uma decisão favorável ou não à prioridade da estética na pesquisa literária, defendida por Welleck. E isso, por fim, levou ao fato de que o próprio entendimento do que era imagologia literária tenha adquirido, de uma certa forma nesse contexto, um certo caráter: para muitos ela era - se é que se deveria levá-la a sério - simplesmente uma parte da história temática e da tematologia e, portanto, na melhor das hipóteses, fazia parte dos domínios do *extrinsic approach to the study of literature* o que implicava, como de costume, numa certa inferioridade, pois,

---

[3]- O exemplo mais recente de uma dessas desagradáveis colocações em relação à imagologia é a coletânea *Vergleichende Literaturwissenschaft*, Wiesbaden, 1981, editada por M. Schmeling que, entre outras coisas, se destaca pelo capítulo dedicado à "Influência e pesquisa da recepção", ignorando completa e ostensivamente a imagologia e os seus êxitos (inclusive os mais recentes ensaios).

[4] - Veja: Guyard, M-F - *La littérature comparée*, Paris, 1951 (com *Avant-Propos* de Jean Marie Carré). Veja também Dyserinck, H. - *Komparatistik. Eine Einführung* (*Aachener Beiträge zur Komparatistik*. Bonn, Bouvier, 1977.

afinal, somente o *intrinsic study of literature*, podia ser considerado como inerente à ciência da literatura no sentido estrito da palavra[5].

Dentro das investigações teóricas e metodológicas que pude transformar mais tarde em fundamento dos estudos comparatistas, tentei provar em 1966 em um pequeno ensaio[6], freqüentemente citado na literatura científica, que mesmo aqueles que, na comparatística, dão primazia ao tratamento literário intrínseco em detrimento do literário extrínseco (ou seja, à imanência da obra em detrimento da sua transcendência)[7], não podem deixar de ter em conta a presença decisiva das "imagens" em determinadas obras literárias. E mais tarde, vários pesquisadores aderiram a este ponto de vista. A argumentação não significava de maneira nenhuma uma profissão de fé a um conceito de "realidade literária" concebido estritamente no contexto do *intrinsic study*; o essencial era que, já desde o início, se insistisse no fato de que aqueles aspectos da literatura e seus domínios, que iam bem além das respectivas manifestações estéticas (ou seja, aqueles literariamente extrínsecos), podiam igualmente ser legítimos objetos de pesquisa, tanto quanto os chamados "literariamente intrínsecos"[8].

Nesse sentido, as investigações feitas dentro do programa de Aachen - sobre as relações literárias e intelectuais franco-alemãs no século XX[9], sobre a relação entre as áreas lingüísticas alemão-neerlandesas[10], ou também sobre as relações literárias e intelectuais entre a Europa e a África[11] - puderam orientar-se por elos que tinham um caráter político inequívoco, indo além da história da literatura e do pensamento, sem

---

[5] - Sobre a oposição a que a imagologia foi exposta no passado, veja também as preciosas contribuições apresentadas na introdução a: J. Blesz - *Beat von Muralls "Lettres sur les Anglais e les Français et sur les Voyages"und ihre Rezeption*. München, 1979. Veja igualmente: M. Gsteiger - "Zum Begriff der Literatur in vergleichender Sicht". In: *Zur Theorie der vergleichenden Literaturwissenschaft* (Ed. II Rüdiger), Berlin, 1971. Ibidem : "Porquoi la Littérature Comparée?" In: *Études des Lettres (Bulletin de la Faculté des Lettres de l'Université de Lausanne)*. Lausanne, 1971. Ainda falta uma investigação mais pormenorizada das condições em que, no século XX, se combateu, em alguns países, o estabelecimento da disciplina "comparatística" (em parte com sucesso considerável).

[6] - "Zum Problem der 'images' und 'mirages' und ihrer Untersuchung im Rahmen der Vergleichenden Literaturwissenschaft". In: *Arcadia*, 1966. Este ensaio encontra-se traduzido nesta coletânea com o título "O problema das *images* e *mirages* e sua pesquisa no âmbito da literatura comparada".

[7] - Sobre os termos literários *intrínseco* e *extrínseco,* veja a tradução alemã de R. Wellek, *Theory of Literature* de Edgar e Marlene Lohner (1. Edição Bad Homburg v.d.H. 1959). Nota da revisora: existe tradução em português: Wellek, René & Austin, Warren - *Teoria da* literatura. Lisboa, Publicações Europa América, 1971. A respeito de *werkimmanent-werktranszendent* (também no sentido de intrinsic-extrinsic de Wellek) veja: Strelka, J. - *Methodologie der Literaturwissenschaft,* Tübingen, 1978.

[8] - O interessante trabalho de J. Jurt, "L'image de l'Afrique et des africains dans la literature française". In: *Oeuvres & Critiques* III, 1978/79), marca de maneira louvável as possíveis contribuições da imagologia para a pesquisa dos estereótipos, mas desperta no leitor a falsa impressão de que a minha proposta de enfocar a problemática a partir de uma abordagem intrínseca, no citado artigo publicado em *Arcadia,* seja uma profissão de fé em relação a esse termo no campo da literatura. As observações feitas por U. Weisstein em sua Introdução a *Vergleichende Literaturwissenschaft* (Stuttgart, 1968) poderiam também causar tal impressão, embora elas apenas tenham o objetivo de ressaltar, em minha argumentação, os pontos que mais bem se adequavam ao posicionamento de Welleck. O ensaio "Literatura comparada: definição" de Weisstein encontra-se traduzido em: Coutinho & Carvalhal - *Literatura Comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 308-333.

[9] - Veja, entre outros, Fischer, M. - "Probleme internationaler Literaturrezeption. Michel Tourniers *Le roi des* a*ulnes* im deutsch-französischen Kontext". Com um prefácio de Michel Tournier. In: *Aachner Beiträge zur Komparatistik*. Bonn, Bouvier, 1977, vol. 2.

[10] - Veja, entre outros, Dyserinck, H. - *Flandrica. Vlaamse en Algemeen-Nederlandse zorgen op de Duilse Bockenmarkt*. Blanckenberge, 1969, - J. Soenen (s. u. Anm. 11).

[11] - Veja, entre outros, Stein, M. - *Das Bild des Schwarzen in der europäischen Kolonialliteratur 1870-1918*. Frankfurt a. M., 1972 (Dissertação, Aachen, 1971).

que a natureza literário-científica desses trabalhos tenha sido, de algum modo, negada[12]. Também nos institutos americanos de literatura comparada e de língua alemã trabalhou-se, num primeiro momento, predominantemente com a especialidade francesa; aqui, os melhores trabalhos foram aqueles, cuja tomada de posição em relação à problemática básica da imagologia literária prepararam futuras etapas no caminho de uma prova definitiva de sua grande importância[13].

Não obstante, seria completamente errado unir os sucessos alcançados até agora, bem como a questão das futuras possibilidades de desenvolvimento da imagologia literária, discutidas atualmente, à discussão sobre a abertura e o alcance do conceito de *literariness.* Ao invés disso, deveríamos ressaltar com especial ênfase a circunstância de que, no fundo, a função precípua exercida pela perspectiva especificamente "sem fronteiras" da comparatística em geral e da imagologia literária em particular colocou, já desde o início, a discussão sobre a prioridade da "imanência ou da transcendência da obra" em segundo plano.

Para além de todas as diferenças em torno da distinção entre "literariamente intrínseco" e literariamente extrínseco", a imagologia literária sempre funcionou muito mais como um modelo para as possibilidades de desenvolvimento daquele âmbito que constitui o verdadeiro núcleo, a condição *sine qua non*, de toda a comparatística: nem mais nem menos, ela estabeleceu uma forma bem concreta da análise do fenômeno da transcendente experiência com o estrangeiro. Isso significa que a nova consciência da escola comparatista francesa, por volta de 1950, baseava-se, não obstante todas as manifestações paralelas pouco agradáveis, em uma consciência cada vez mais clara daquilo que pertencia ao cerne da questão comparatista e que pertence a cada pesquisa comparativista que ultrapasse fronteiras: a experiência com o estrangeiro - sob a perspectiva daquele que o vê como estrangeiro, ou seja, daquele que se deixa influenciar pelo que lhe é estranho. De acordo com esse conhecimento, o emprego da análise do "estrangeiro" na literatura, assim como da experiência com o estrangeiro, deveria necessariamente conduzir à imagologia literária, já que tal experiência, por definição, está ligada à formação da imagem[14]. Se a problemática da recepção recíproca das

---

[12] - Para o desenvolvimento do programa de literatura comparada de Aachen, de um modo geral, e da imagologia em particular, no Departamento de Literatura Comparada de Aachen, veja: Fischer, M. - "Komparatistik: das Aachner Programm". In: *Die Deutsche Universitätszeitung (DUZ)*, 1979, caderno 21. Do mesmo autor: "Komparatistische Imagologie. Für eine interdisziplinäre Erforschung national-imagotyper Systeme". In: *Zeitschrift für Sozialpsychologie*, 1979 e *Untersuchungen zur Entstehung der komparatistischen Imagologie*, Diss. Aachen, 1981 (publicada como vol. 6 da coleção "Aachner Beiträge zur Komparatistik". Indicamos, além disso, mais dois trabalhos: J. Soenen - *Gewinn und Verlust bei Gedichtübersetzungen. Untersuchungen zur deutschen Übertragung der Lyrik Karel van de Woestijnes*. Dissertação, Aachen, 1976 (publicada como vol. 3 da coleção "Aachner Beiträge zur Komparatistik", bonn, 1977), onde, entre outras coisas, também pode ser mostrado, como a influência de determinadas imagens pode repercutir em nuances da tradução lírica. - Veja: Gross - *Ernst Robert Curtius und die deutsche Romanistik der zwanziger Jahre. Zum Problem nationaler Images in der Literaturwissenschaft*. ("Aachner Beiträge zur Komparatistik, vol. 5), Bonn, 1980 (trabalho de mestrado em literatura comparada em Aachen, 1979).

[13] - Veja: Boerner, P. - "Das Bild vom anderen Land als Gegenstand literarischer Forschung". In: *Spreche im technischen Zeitalter* nº 56, 1975. Este artigo encontra-se traduzido nesta coletânea com o título "A imagem do outro país como objeto de pesquisa literária". E, J. Rlesz, op. cit. - Merece atenção especial, neste contexto, o livro de A. Duju - *Modele, imagini, privelisti.* Cluj-Napoca, 1979.

[14] - Veja: Dyserinck, H. - "Der Beitrag der Komparatistik zur Rezeptionsforschung und die Möglichkeiten einer fachspezifischen Rezeptionsforschung innerhalb der Komparatistik". In: *Proccedings of the Ix^th Congress of the ICLA*, 2, Innsbruck, 1979 ("Innsbrucker Beiträge zur Kulturwissenschaft", Caderno especial 46, Innsbruck, 1980).

literaturas alemã, francesa e inglesa se encontra em debate, ou se a tradução de obras de literaturas européias "menores" e a sua repercussão em cada um dos países vizinhos maiores deve ser investigada, o fato é que o comparatista se depara em toda a parte com manifestações da questão das diferenças "nacionais", das confrontações "inter-nacionais" e, por conseguinte, automaticamente com a questão do que é vivenciado, aceito, recusado ou simplesmente recebido em cada país. E responder a tais perguntas constitui a sua real tarefa.

O desvio da investigação das influências com correspondente concentração sobre o que foi primeiramente descrito como *l'étranger tel qu'on le voit*[15]e que, à primeira vista, poderia dar facilmente a impressão de uma manifestação marginal, constituia, na realidade, dentro da tentativa de definir a comparatística como disciplina própria, um direcionamento para o elemento essencial da disciplina.

Este último ponto explica, aliás, por que, no passado, os ataques contra a imagologia literária se confundiram com crítica à comparatística, ou seja, por que se tocaram com tanta freqüência. Ambos estavam na mesma linha ocupada pela crítica à suposta supervalorização das fronteiras (nacionais), fato que tornava a imagologia literária pretensamente culpada. O contexto era inteiramente lógico: quem negasse o significado das fronteiras, através das quais as literaturas específicas se dividiam, tinha que negar significado ao problema da experiência com o estrangeiro; e, inversamente, quem considerasse insignificante a análise da experiência com o estrangeiro no sentido de uma vivência de superação de fronteiras no âmbito literário, a este não sobrava, no fundo, nada a não ser negar simultaneamente a própria importância das fronteiras. Mas, quem, finalmente, colocasse em dúvida tanto a importância da existência das fronteiras entre as literaturas específicas e cada uma de suas áreas de origem, assim como a necessidade da pesquisa das manifestações da experiência com o estrangeiro, a elas ligadas, este deveria estar, portanto, basicamente contra a reinvidicação da existência da comparatística como disciplina.

Com efeito, esta disciplina definira de antemão seus próprios objetivos de pesquisa, intimamente ligados à existência das fronteiras, nos quais o fenômeno de fronteira dominava.

Nesse sentido, a comparatística não era o resultado de um desejo de voltar a uma (mais ou menos diletante) ocupação simultânea com a literatura de qualquer proveniência nacional ou com a "literatura em geral", no estilo de uma época, em que ainda não existiam filologias individualizadas. Ela deveria entender-se muito mais como disciplina especial.

O reconhecimento específico do fator fronteira não era de modo algum idêntico a uma concepção isolacionista da autonomia das literaturas nacionais, como ocasionalmente, foi insinuado, ou até dito abertamente; sabia-se fazer, na comparatística, a diferença entre isolamento e aquela autonomia parcial, própria de qualquer literatura nacional (mais precisamente "literatura específica"), pois literaturas nacionais sempre são escritas numa língua nacional, e uma língua nacional - pelo menos em sua forma escrita - sempre é "autônoma"[16].

Da ligação básica da disciplina comparatística com a superação de fronteiras e a experiência com o estrangeiro resultam, necessariamente, também para a imagologia

---

[15] - Veja: Guyard, op. cit., cap. VIII.

[16] - Veja: Dyserinck, H. - "Zur Problematik der 'nationalliterarischen' Arbeitsmodelle der Komparatistik und ihrer Begründung in sprachlicher Einheit: der Fall des niederländischen Sprachgebiets". In: *Integrale Linguistik* (edução comemorativa para a II. Gipper), Amsterdam, 1979.

literária, uma série de conseqüências substanciais. E, em primeiro lugar, a consciência de tal prioridade deve, automaticamente, atuar sobre a intensificação dos processos especificamente comparatistas.

Juntamente com esta conscientização corre, por exemplo, a idéia de que a imagologia literária, atualmente, não pode mais lidar com as "imagens de outro país", do mesmo modo que lidou, no passado, com aqueles trabalhos que apenas se ativeram ao levantamento de temas. A imagologia literária é, hoje, realmente algo diferente do simples levantamento daquele tipo de material capaz de satisfazer as necessidades do iniciante, ficando este, na melhor das hipóteses, guardado para posteriores investigações "mais úteis". A referida conscientização de prioridade tem também outra conseqüência, de especial importância, principalmente nas relações entre a comparatística e a filologia nacional: a análise comparativa das imagens de outro país, considerando-se respectivamente a experiência com o estrangeiro, que ultrapassa fronteiras, não pode mais ser feita de um ponto de vista que, em primeiro plano, persegue o objetivo de completar o conhecimento da obra de um determinado autor - e com isso também a história de uma literatura específica. Ela deve muito mais ser acionada - e justamente no que diz respeito à consciência da importância que as fronteiras têm para cada literatura específica - de uma perspectiva especificamente supranacional. Ou seja, as imagens devem ser vistas para além da ligação primária que mantêm com sua área de origem na respectiva literatura nacional, isto é, devem ser vistas em sua função multinacional, - e sempre levando-se em conta as diversas perspectivas "nacionais", sem a menor supremacia de uma delas[17]. A pesquisa imagológica comparada verá, então, as imagens pelo menos em um contexto bilateral, examinando-as a fundo, de maneira conseqüente (de acordo com o modelo supranacional especificamente comparativo), e isto significa que a construção de imagens de um país A, na produção literária de um país B, deve ser analisada do ponto de vista da história literária e intelectual, tanto do país B quanto do país A respectivamente. No plano franco-alemão não se procede mais, como infelizmente acontecia com os antigos comparatistas franceses: a investigação da imagem alemã pelos autores franceses, de um ponto de vista estritamente francês, tendo em vista complementar o conhecimento da história literária e cultural da França. Hoje, a perspectiva alemã também é utilizada, o que implica um necessário conhecimento de germanística - de especial importância -, fazendo-se paralelamente um estudo comparado, no sentido de se proceder a uma confrontação das heteroimagens com as autoimagens dos respectivos "povos".

Tudo isso também explica por que o desenvolvimento pleno da imagologia literária moderna se manifesta com mais intensidade, onde o contexto nacional não é mais formado apenas por duas áreas literárias ou culturais, mas por pelo menos três. No âmbito da Europa ocidental, temos um exemplo lapidar de campo de trabalho na relação triangular Alemanha-França-Inglaterra, que se transformou num fecundo e diversificado sistema "imagotípico"[18], no qual a atitude alemã em relação à França implicou, até o século XX, em determinadas conseqüências para o posicionamento desta em relação à Inglaterra, e o mesmo se pode dizer dos outros dois países em sua relação aos respectivos parceiros.

---

[17] - Sobre o conceito de "perspectiva supranacional", no tratamento de objetos "multinacionais" na literatura comparada, veja: Dyserinck, H. - *Komparatistik. Eine Einführung*, conforme nota anterior.

[18] - Sobre a expressão "imagotipo", veja-se: O. Brachfeld - "Note sur l'imagologie ethnique". In: *RPP*, 1962; bem como Fischer, M. - "Komparatistische Imagologie. Für eine interdisplinäre Erforschung nationalimagotyper Systeme", conforme nota anterior.

Tanto hoje quanto ontem, vale aqui como modelo, entre outras coisas, a resistência desenvolvida, pelo lado alemão, sob o impulso de Lessing, contra a influência francesa propagada no século XVIII, principalmente por Gottsched no espaço de cultura alemã, porquanto a vida intelectual inglesa (Shakespeare!) funcionou tanto como contrapeso para a mencionada influência francesa, quanto como exemplo de uma possibilidade própria de desenvolvimento da Alemanha (de uma maneira de pensar alemã). Vejamos esse processo multinacional específico da perspectiva francesa, analisando, por exemplo, quais argumentos foram utilizados pró e contra o "gênio natural" inglês dentro da recepção francesa de Shakespeare; aqui nos deparamos com a mesma maneira de julgar e com modelos de pensamento semelhantes aos da área alemã, mesmo quando, na avaliação, são colocados ocasionalmente sinais claramente trocados. E, ao lidar com a macroestrutura multinacional, partindo da perspectiva inglesa, que afinal terá uma participação essencial no desenvolvimento do Pré-Romantismo e do Romantismo europeu, torna-se, então, mais claro o contexto trilateral.

Principalmente, torna-se cada vez mais evidente que, em cada julgamento alemão a respeito das realizações francesas ou inglesas, assim como a cada julgamento francês ou inglês de cada um dos outros componentes da relação triangular, há conceitos especificamente estereotipados e carregados de imagens, em parte ocultos, em parte muito definidos, em relação a cada país, em relação à sua cultura (ou seja, "civilização"...), ao "jeito" de seus habitantes, etc., etc., os quais estão claramente ligados à gênese, construção e repercussão da macroestrutura das literaturas multinacionais e, além disso, surgem nitidamente visíveis também as autoimagens presentes na "literatura nacional" dos respectivos países. A imagologia literária irá analisar tais ocorrências imagotípicas em sua gênese e estrutura, e irá sobretudo examinar a sua repercussão internacional nas relações recíprocas entre as entidades "nacionais" envolvidas.

É evidente que, aqui, já não há mais a necessidade de levantar a questão da prioridade ou não prioridade do "intrinsecamente literário". O que existe são, sobretudo, tarefas que, apesar de serem realizadas com material literário e, em grande parte, através de métodos específicos da história da literatura, se encontram muito além de qualquer oposição entre os conceitos "intrínseco" ou "extrínseco" à literatura.

E, por fim, por que não reconhecer e ressaltar que o funcionamento dessas estruturas imagotípicas está ligado a contextos políticos que vão além do "literário", e que podem ser deduzidos de modo específico justamente através da análise imagológica comparada. No contexto do desenvolvimento político da Europa, conhece-se, por exemplo, o alcance da forte resistência alemã em relação à hegemonia intelectual francesa ao longo do século XVIII, assim como os olhares de relance para a Inglaterra; e nós sabemos que o nacionalismo europeu, com todas as conseqüências sensíveis que ele ainda hoje acarreta, pode ser explicado em boa parte pelos processos respectivos do Pré-Romantismo e do Romantismo na Europa.

E há ainda algo mais, qual seja, o fato de que essa rede de relações anglo-franco-alemãs repercutiu até em regiões fora da Europa, onde serviu de modelo e fonte de inspiração encorajadora a processos de conscientização nacional, considerados historicamente análogos aos acontecimentos da Europa. Pensemos no desenvolvimento da "teoria da *négritude*", bastante discutida a partir dos anos 50 do nosso século, tal como delineada por Léopold Sédar Senghor, que desempenhou, durante décadas, um papel estimulante em diversos processos africanos de aspiração à "autenticidade" (significando esta palavra também a independência política em relação à França e à

Inglaterra)[19]. A tomada de consciência por parte de Senghor a respeito dos modelos opostos de *Sturm und Drang* desenvolvidos por alemães e franceses, seu interesse pelo jovem Goethe e, finalmente, sua descoberta de um parentesco entre *négritude* e *germanité* em oposição conjunta à civilização "racionalista" e "cartesiana" francesa, de acordo com o etnólogo alemão Leo Frobenius, não foi nada mais, nada menos, que o encontrar de uma sintonia, tanto num processo europeu altamente marcado por imagens, quanto numa macroestrutura especificamente européia que, na verdade, compreendia a aceitação, por parte da África, de todos os desdobramentos já produzidos na Europa, tanto na cultura quanto na política[20].

Aqui, são fáceis de adivinhar os caminhos investigativos abertos sobre o "literário puro". E, provavelmente, não seja cedo demais lançar a conjectura de que, com o olhar nos sistemas imagotípicos europeus introduzidos pela literatura em seu desdobramento e repercussão, talvez tenhamos em mãos uma chave para a compreensão de aspectos esssenciais do pensamento nacional.

Entrementes, pode-se dizer com certeza o seguinte: a pesquisa do *étranger tel qu'on le voit*, dentro da abordagem comparativa, que considera a "experiência com o estrangeiro, para além das fronteiras, uma condição *sine qua non* para a sua existência, prova ser, em um nível multinacional, e especificamente como pesquisa supranacional, não somente uma área genuína da ciência comparada, mas também *un domaine d'avenir* [21], face às diversas possibilidades literárias, contidas na investigação das relações intelectuais"[22].

Depois de uma correta avaliação dos valores oferecidos pela comparatística, tais como o galgar fronteiras e o do confronto com entidades "estrangeiras", depois de se considerar que a imagologia literária trata, afinal, da análise da experiência com o estrangeiro, está na hora de refletirmos sobre o caráter especial (e, no fundo, sobre o *status* ontológico) das imagens como tal.

De fato, os freqüentes erros cometidos (e ainda hoje se cometem) eram resultado de uma falsa avaliação do caráter e da natureza das imagens, já que se aceitava a investigação das representações de "outro país", representações com as quais somos frequentemente confrontados na literatura européia, como uma análise (ou busca) de "qualidades do caráter nacional". Tal fato não passa, hoje, de um tanchão daquilo que, num passado menos glorioso da pesquisa das ciências humanas, casualmente se denominou "psicologia dos povos".

Na realidade, praticamente não há pesquisa mais apropriada para modificar profundamente os conceitos irracionais da "essência dos povos", da "alma das nações" ou do "caráter popular" marcado e transmitido pela "herança sangüínea", do que a imagologia literária, que trabalha com material literário. Essa "desideologização", aliás não se dá através da oposição entre uma "falsa" imagem de um país e uma "verdadeira",

---

[19] - Veja: Dyserinck, H. - "Die Quellen der Négritude-Theorie als Gegenstand komparatistischer Imagologie". In: *Komparatistische Hefte* 1, Bayreuth, 1980.

[20] - Veja também: Tibi, B. - "Romantische Entwicklungsideologien in Afrika". In: *Blätter für deutsche und internationale Politik*, 18, ano 1973. Veja também: S. Adotevi - *Négritude et négrologues*. Paris, 1972. Njoh-Motelle, E. - *Jalons*, Yaoundé, 1970 e, do mesmo autor, *Jalons II*, Yaoundé, 1975. Dignos de nota são, igualmente neste contexto, diversos trabalhos do filósofo e sociólogo da República dos Camarões, Marcien Towa.

[21] - (campo futuro de pesquisa).

[22] - Veja M. F. Guyard, op. cit., p. 118.

mas ela se realiza através de uma *démystification*, que se aproxima da problemática envolvendo a existência de tais representações.

Não se trata, de maneira nenhuma, de uma investigação que, com a análise de testemunhos sobre povos estrangeiros, espera descobrir algo sobre o "grande segredo" do "caráter nacional", ou seja, da "essência" dos povos em questão. Tampouco se trata, na análise das respectivas imagens, de saber algo sobre a "essência" e o "caráter" desse povo, cujos autores produziram as imagens. Trata-se muito mais de ver as imagens como dados ou objetos determinados, e de analisar tanto a sua estrutura como descobrir que repercussão exercem em todos os campos possíveis da vida intelectual humana.

A verdade é que - independentemente da existência ou não de "caráteres nacionais" como grandezas definíveis - há, a nível internacional, uma estreita e às vezes complicada rede de conceitos não coincidentes do que sejam "povos" (ou nações", países, comunidades lingüísticas, tribos, etc.), conceitos que, para além do campo da literatura, têm uma inegável importância para o convívio dos diversos grupos, e que são marcados por tais fatores imagotípicos, os quais, quando não exclusivos, são preponderantes, tendo sido criados pela literatura e mesmo dentro dela (como também acontece na crítica literária e na ciência da literatura). E, se não foram criados, foram, pelo menos, por elas divulgados e ainda o serão.

Isso significa o seguinte: afora o fato de que, por si só, a crença na possível existência de "caráteres de povos" e coisas semelhantes possa ser considerada pura ideologia e de que, além disso, não seja possível oferecer uma definição exata e internacional do que, na realidade, seja um "povo", existem as imagens ou as representações imagotípicas, e estas circulam em inúmeras variantes entre os seres humanos, tendo-se fixado quase todas na literatura.

Apesar da problemática em torno da verossimilhança de seu conteúdo, podemos investigar tanto seu funcionamento quanto suas influências sobre todos os campos de interesse da vida cultural. - E tudo isto é válido, embora seja produto da imaginação humana, aplicada a objetos que, em parte, apenas têm um significado relativo (até as "nações" e os "povos", aos quais o Romantismo atribuiu uma enorme importância, na realidade, não passam de modelos de pensamento passageiros dentro do espaço histórico, se se olhar da perspectiva da duração e da vitalidade das fronteiras lingüísticas, que podem ter um papel importante em sua constituição.

Em dois trabalhos recentemente publicados, o psicólogo social francês Edmond Marc Lipiansky tratou das imagens que os povos europeus desenvolveram uns dos outros, no sentido estruturalista, de acordo com a expressão *formation discursive* de Michel Foucault[23].

Igualmente justo e, em muitos casos até mais fecundo, parece-me o uso do sistema de conceitos de Karl Popper: as imagens mostram todas as características dos objetos do "mundo 3"; isto é, elas são produto do espírito humano, registradas em textos, livros., e não só exercem influência sobre a humanidade que as criou mas, em parte, também possuem suas próprias leis, que podem produzir conseqüências involuntárias e imprevistas[24].

Trata-se de contextos e dimensões, cujas possibilidades abrangentes, neste momento, não precisamos considerar.

---

[23] - Veja: Lipiansky, E. Marc - *L'âme française ou le National-Libéralisme. Analyse d'une représentation sociale*. Paris, 1979. Idem - "L'imagerie de l'identité: le couple France-Allemagne". In: *Ethnopsychologie. Revue de Psychologie des Peuples*. Ano 43, 1979.

[24] - Veja: Popper, K. - *Objektive Erkenntnis*. Hamburg, 1973 (principalmente cap. IV). Idem - *Ausgangspunkte*. Hamburg, 1979 (principalmente cap. 38).

A conclusão à qual chegamos é a seguinte: as imagens e os sistemas imagotípicos existentes no âmbito da literatura internacional e, em parte, especificamente desenvolvidos em processos da história da literatura, devem ser vistos como coisas reais, que podem constituir o objeto de um ramo de pesquisa especializado, mas cujo significado não pode ser mais determinado pelos critérios de uma estética literária.

Visto deste modo, acabou por se tornar óbvio, que a imagologia literária trabalha com um determinado tipo de objetos, que também podem funcionar fora da literatura e do seu contexto. E, neste aspecto, a imagologia literária coloca-se, facilmente, num campo de pesquisa interdisciplinar maior, cujo sentido final ultrapassa claramente o literário e tanto pode consistir na investigação de problemas interculturais, como pode encontrar sua realização até em um exame geral da problemática das nacionalidades. Neste contexto, poder-se-ia indagar quanto ao futuro desenvolvimento desta disciplina interdisciplinar, se a problemática imagológica, no fundo já existente desde os primórdios da comparatística, poderia se desdobrar em um campo especial da disciplina acadêmica em franco crescimento chamada comparatística (também "literatura comparada" ou "literatura geral e comparada"), ou se ela - e essa é a alternativa que nós não desejamos - possivelmente continuaria como disciplina acadêmica de menor sucesso, independente de uma comparatística, num trabalho em conjunto com disciplinas sociopsicológicas, sociológicas e politológicas.

A resposta, todavia, é: de início não pode haver motivo para duvidar da possibilidade de uma filiação da imagologia literária às demais disciplinas da ciência da literatura. Devemos ainda estar conscientes do fato de que, dentro deste campo de pesquisa interdisciplinar a que, sem dúvida, a imagologia literária pertence, e no qual ela deve definir uma posição, existem imagens produzidas no setor literário, para cuja pesquisa tem que haver comparatistas que trabalhem necessariamente no campo da literatura. Há, aqui, tarefas que só podem ser realizadas por aqueles que apresentem os pré-requisitos necessários, aqueles que forem especialistas em história da literatura multinacional, aqueles que souberem operar com as categorias da história da literatura, a partir de um enfoque supranacional.

E este setor literário, no que se refere à produção de imagens, não foi destituído de significado, muito pelo contrário: na verdade, não houve, na história da problemática das nacionalidades, na Europa dos últimos séculos, muitos campos que tenham sido tão férteis na construção do pensamento nacional, das representações dos sentimentos nacionais (assim como das imagens), quanto a literatura; e isso também vale para as filologias nacionais correspondentes que, por seu lado, se transformaram em campos de atividade ou focos de um pensamento impregnado de imagens.

Atualmente, nem é mais original lembrarmo-nos de como a literatura alemã e a germanística foram co-responsáveis pelo surgimento e disseminação (por exemplo, através das aulas em escolas) das auto e heteroimagens nacionais, que levaram ao entusiasmo patriota e à morte de multidões de jovens nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial. E fato semelhante pode ser também demonstrado em diferentes graus de intensidade noutros países da Europa.

Tudo isso levanta mais problemas do que se costuma imaginar hoje em dia: não somente chegou a hora de se submeterem essas eficazes e bem sucedidas imagens nacionais a uma análise impiedosamente desideologizante, e não se deve investigar seu funcionamento somente com o objetivo de superá-las, mas devem-se questionar as necessidades especiais do *homo politicus* a que se encontram ligadas, e também devem

se examinar as respostas dadas justamente pela estranha e estreita ligação existente entre os processos imagotípicos e a literatura *lato sensu*.

Em resumo, nós somos confrontados com diversos problemas importantes, que estão além de qualquer discussão sobre a prioridade da "imanência e da transcendência da obra", mas que estão estreitamente ligados à literatura, ao seu surgimento e à sua difusão e que, tal como as questões estéticas, constituem igualmente objetos de pesquisa de uma ciência da literatura.

E quando, em parte, se considera que se trata, nesse contexto, de problemas para cujas investigações a ciência depende diretamente de conhecimentos de história da literatura e de métodos específicos da comparatística, então pode-se até falar de uma obrigação e de tarefas às quais a disciplina não pode mais subtrair-se. Isso tudo ocorre não só sob a insígnia do *esprit européen*, de que trataram Mme de Staël, Joseph Texte[25] e outros comparatistas europeus, mas levando em conta a possibilidade de aproveitamento das experiências européias fora do nosso continente[26].

---

[25] - O ensaio "Estudos de literatura comparada no estrangeiro e na França" deste autor encontra-se traduzido em: Coutinho & Carvalhal - *Literatura Comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 26-43.

[26] - Considerando o caráter próprio das imagens, foi importante que tivéssemos atribuído um nome próprio - imagologia - à pesquisa especial da literatura comparada que delas se ocupa. E não há motivo para não se conservar este nome, mesmo que a sua etimologia semi-latina, semi-grega, não seja satisfatória e sua origem não seja tão pertinente à literatura. Que eu saiba, o termo "imagologia" foi utilizado, pela primeira vez no programa de Aachen, para designar o estudo das "imagens literárias de outro país" na terminologia da literatura alemã. Desde o ano letivo de 1967/68, eu a tenho usado e mandado usar nos eventos de programação didática, assim como nos trabalhos científicos realizados dentro do programa. É claro que o termo foi tomado por mim da terminologia da etnopsicologia francesa: aparece em destaque pela primeira vez em 1962, ano 17 da *Revue de Psychologie des Peuples* na "Note sur l'imagologie ethnique" de Oliver Brachfeld e, no ano 19, sai publicado não só num artigo introdutório de Abel Miroglio, referente aos trabalhos da cientista literária Sylvaine Marandon, como também na função de título para uma nova rubrica da revista. Aqueles que, ainda hoje, se deparam com o nome "imagologia", podem ter certeza de que sua adoção, partindo de uma corrente de pesquisa sócio-psicológica praticada com grande empenho depois da Segunda Guerra Mundial na França (que, diga-se de passagem, não se compara à velha "psicologia dos povos"), resulta exclusivamente de sua eficiência, e até certo ponto também de uma forma de pensamento interdisciplinar.